

Sentimentos de Identidades e pertencimentos na Sociedade Musical Beneficente Euterpe Friburguense

Marcos Botelho*

Introdução

Buscamos compreender as bandas de música para além de suas performances e repertório, buscando ampliar nosso olhar para seu imaginário e relações sociais, para isso utilizamos como estudo de caso a Sociedade Musical Beneficente Euterpe Friburguense fundada em 1863 no município de Nova Friburgo-RJ¹. Ressaltamos que as bandas centenárias do estado do Rio de Janeiro são consideradas patrimônio imaterial desde 2008, por meio da lei 5215/08²; a Euterpe³, ainda possui utilidade pública municipal e estadual⁴. Complementamos que há grande quantidade de documentos preservados (correspondências, recortes de jornais, programas de apresentações, partituras etc.) nos acervos da banda e na Fundação Dom João IV; geralmente as bandas preservam somente acervos de partituras.

Os resultados, aqui apontados, são frutos dos cruzamentos dos dados de diferentes fontes, assim iremos utilizar bancos de dados construídos em pesquisas anteriores: fichamento de 1402 correspondências (tanto recebidas quanto enviadas) do acervo da Euterpe entre os anos de 1892 e 2002, fichamento de notícias dos jornais locais (O friburguense, A Sentinela, Correio Friburguense, O Friburguense entre outros) entre os anos de 1891 e 1930 localizados nos acervos da Fundação Dom João IV, fichamentos de notícias de recortes de jornais localizados no acervo da banda entre os

* Bacharel e Mestre em Música pela UFRJ e Doutor em Música pela UFBA. É professor de trombone e música de câmara na Universidade Federal de Goiás, onde também é coordenador do Laboratório BandaLab e do grupo Trombones Goianos. É regente da Banda de Câmara Tônico do Padre e integra o quinteto Metais do Cerrado.

E-mail: marcosbotelho@ufg.br

¹ Nova Friburgo está localizada na região Serrana do estado do Rio de Janeiro, distante 136 Km da capital e possui população de 182.082 habitantes (PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA FRIBURGO). Disponível em: <<http://www.pmnf.rj.gov.br>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

² ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Disponível em: <<http://www.alerj.rj.gov.br/lei-5215-08>> Acesso em: 30 abr. 2020.

³ No decorrer do texto iremos nos referir à Sociedade Musical Beneficente Euterpe Friburguense somente por “Euterpe”, “Banda Euterpe” ou simplesmente “banda”.

⁴ Disponível em: <<http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/sociedade-musical-euterpe-friburguense>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

anos de 1907 e 2004 (diversos jornais, sendo em maior quantidade A voz da Serra), listagem do acervo de partituras da banda com 637 obras localizadas e 14 entrevistas com membros da banda e pessoas sem ligações formais com a banda (não são músicos, alunos, diretores e/ou sócios) realizadas nos anos de 2004 e 2011⁵.

Sentimentos de identidades

A identidade é uma criação simbólica. Estamos utilizando o conceito de identidade de Hall (2005), segundo o qual esta é entendida como “pertencimento”, acrescentando que a identidade cultural se refere “[...] àqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso pertencimento a culturas étnicas, raciais, linguistas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (HALL, 2005, p. 8). Araújo (2000, p. 42) refere-se à identidade como sendo aquilo que nos “[...] remete a um conjunto de valores assumidos, de fato ou presumidamente, por uma coletividade ou sociedade”.

Castoriadis (1986, p. 159) observa que toda instituição social “[...] é uma rede simbólica, socialmente sancionada, onde se combinam em proporções e em relações variáveis um componente funcional e um componente imaginário”. Portanto, o sentimento de identidade ou pertencimento é produzido pelos próprios grupos.

A respeito de sentimentos de identidade nas bandas de música, Granja (1984, p. 80) relata que as bandas de música “[...] caracterizam-se também por seu aspecto coletivo, integrado, onde são valorizadas as relações de amizade, entre seus componentes e entre estes e seus seguidores”.

Notamos a frequente associação da banda a uma ideia de família. Nas entrevistas, jornais e correspondências existem inúmeras referências à banda como uma família, a “família Euterpe” ou “família Euterpista”. Catroga (2001) acrescenta a respeito da constituição do núcleo familiar, que podemos transpor para o contexto da banda:

Na modernidade, o núcleo social, em que, paradigmamente, se concretizou a assunção da herança como norma [...] foi a família. E é este o nível que melhor se poderá surpreender os laços que existem entre identificação, distinção, transmissão e a sua interiorização como norma: recorda-se o espírito da família (CATROGA, 2001, p. 27).

Na banda, estes vínculos de sangue existem em muitos casos. Mesquita (1994, p. 38) ainda afirma que “[...] as memórias das bandas confundem-se com a história familiar

⁵ Foram realizadas e publicadas 6 entrevistas na pesquisa Botelho (2006) e 8 entrevistas realizadas para o DVD Botelhox (2011).

de seus componentes, muitos namoros e casamentos nasceram em suas sedes”. Podemos, por exemplo, observar a passagem de várias gerações da mesma família na banda. Também encontramos famílias inteiras consideradas “euterpistas”. Encontramos referências à banda como família em todo o período estudado, entretanto, isto parece se intensificar a partir de seu centenário, em 1963. No ofício de 13/10/1941, dirigido a Maria Rosa Sampaio, temos um excelente exemplo:

Bastava a Va. Excia., ser a mãe querida do nosso querido “Zeca Sampaio”, o euterpista fanático que representa uma nossa relíquia, e estar ligada pelo coração a outro euterpista vermelho “o Nelson Kemp” e ainda mais fazer parte da sua numerosa e honrada família o nosso Pedro Ribeiro, para ser **um dia Festivo** para a “**Família Euterpista**” (grifo nosso)⁶.

Deste ofício podemos notar a percepção de laços de família, reais ou imaginários. Parece-nos, segundo o ofício, que o marido e filho da referida senhora participavam efetivamente da banda. Entretanto, a Euterpe se identifica como “Família Euterpista”, como se este ofício de felicitações por aniversário fosse feito de uma família para outra. Portanto, podemos supor que em seus imaginários as duas “famílias” possuem membros em comum ou se absorvem mutuamente.

A partir de 1939, localizamos inúmeras felicitações por aniversários, nascimentos, casamentos etc., como podemos notar no ofício de 8 de dezembro de 1950, felicitando Luiz Gonzaga Malheiros pelo seu aniversário, lemos: “A Euterpe Friburguense **cumprir seu dever** enviando-lhe as mais efusivas e sinceras felicitações” (grifo nosso)⁷. A Euterpe, geralmente, nestes ofícios se intitula como “família euterpista” ou “família Euterpe”, em outro ofício se lê: “sinceras e calorosas congratulações da Família Euterpista pelo seu consórcio que hoje se realiza”⁸. Estes ofícios eram destinados provavelmente a pessoas beneméritas da banda e/ou ligadas à banda por laços afetivos. Cabe observar, contudo, que estas manifestações também podiam ser dirigidas a outras pessoas de grande notoriedade, como no caso do ofício de 18 de abril de 1949, destinado

⁶ Ofício da Sociedade Musical Euterpe Friburguense para a sra. Maria Rosa Sampaio datado de 13/12/1941 (BOTELHOX, 2006)

⁷ Ofício enviado pela Sociedade Musical Beneficente Euterpe Friburguense ao sr. Luiz Gonzaga Malheiros em 08/12/1950 (BOTELHO, 2006).

⁸ Ofício enviado pela Sociedade Musical Beneficente Euterpe Friburguense ao sr. Antônio Felix em 18/05/1950 (BOTELHO, 2006).

ao então senador Getúlio Vargas, que transmite “[...] calorosas felicitações pelo transcurso de seu natalício”⁹.

Este tipo de ofício, também foi utilizado para felicitar eventos e instituições que, aparentemente, não tinham ligação alguma com a banda, fato que podemos constatar no ofício de agradecimento que a Embaixada dos Estados Unidos da América enviou para a banda no qual “muito agradece os sentimentos manifestados pelo transcurso da Data da Independência dos Estados Unidos da América”¹⁰. Em 1956, temos a última felicitação por aniversário localizada nas correspondências analisadas. Hoje, as felicitações por aniversários são feitas através de cartões impressos, portanto não temos cópias nos arquivos, como quando eram feitas por ofícios. Não temos conhecimento de quando ocorreu tal mudança.

A relação com o passado reforça ainda mais os sentimentos familiares, reportando-se e reiterando uma origem comum. Os entrevistados enfocam isto misturando as suas histórias pessoais com a da Euterpe. Todos os entrevistados, incluindo os que não eram membros da Euterpe, quando foram perguntados sobre fatos importantes do passado da banda que lembravam ou poderiam destacar, relatam fatos pessoais (relembrem os bailes de carnaval que ocorriam na sede da Euterpe e de que participavam, casos amorosos de integrantes da banda etc.). Assim demonstram que, mesmo os considerando como sem ligações com a banda, sem serem membros de nenhum quadro de sócios, percebem sua vida entrelaçada com a história da banda (BOTELHO, 2006, 2011)

Os jornais e as correspondências a partir da década de 1960, sendo com maior frequência após a década de 1970, referem-se com frequência ao passado “glorioso” da banda. Registram o quanto este passado foi glorioso, revelando uma percepção de orgulho por sua história. É claro que tomam, em grande maioria, como foco central do passado da banda, o “mito de origem” referido anteriormente. A partir da década de 1960, os jornais passam a apontar a importância da banda para a cidade, principalmente invocando o passado.

A Relação com a cidade

Como já demonstramos, há sentimentos de identificação em relação à banda não só por parte dos membros da banda, mas também por parte da sociedade. Assim,

⁹ Ofício enviado pela Sociedade Musical Beneficente Euterpe Friburguense a Senador Getúlio Vargas em 18/04/1949 (BOTELHO, 2006).

¹⁰ Ofício enviado pela Embaixada dos EUA à Sociedade Musical Beneficente Euterpe Friburguense em 07/07/1944 (BOTELHO, 2006).

podemos supor que pelo menos parte da sociedade sente a banda como sua, como algo inerente e integrante, como um patrimônio pertencente à cidade.

Nas edições dos jornais locais entre 1892 até as edições de 1940, são inúmeras as menções de felicitações da banda em aniversários e saudações a pessoas ilustres, o que mais uma vez parece evidenciar a relação da banda com o cotidiano da cidade. Lê-se em “A Paz” de 16/6/1907: “A Euterpe compareceu à casa do Sr. Antônio Iório, negociante desta cidade e grande amigo da banda, com a finalidade de saudá-lo por seu aniversário, tocando bonitas peças de seu vasto repertório” (1907b, p. 2). Também em “O Nova Friburgo”, de 23/10/1933, há exemplo dessas atividades: “As bandas Euterpe e Campeзина (sic), compareceram à redação de O Nova Friburgo, como manifestação de apreço à data genética deste jornal” (1933, p. 1).

O sentimento de pertencimento à Euterpe pela sociedade é bastante importante para a manutenção, principalmente financeira, existindo sentimentos na banda de deveres para com a sociedade. Nas correspondências e jornais existem várias citações de eventos organizados pela Euterpe para arrecadar fundos para seus cofres. Embora haja informações espaçadas temporalmente sobre verbas oficiais, parece-nos que o dinheiro arrecadado para a manutenção da banda era obtido diretamente com a sociedade até a década de 1970.

Os pedidos de ajuda ao poder público aparecem desde a década de 1940. Todavia, somente a partir da década de 1970 é que este tipo de pedido se torna recorrente. No ano de 1975, temos 12 pedidos a diferentes instâncias do poder público, solicitando subvenção para a banda. A partir de 1975 notamos que alguns ofícios se reportam a estes recorrentes pedidos, como o dirigido ao então senador Saturnino Braga no qual lemos: “Cumprindo a **costumeira tradição** de nos valer daqueles que auxiliam e defendem a arte e a cultura...” (grifo nosso)¹¹. Parecendo que as subvenções oficiais passam a substituir as subvenções pessoais e coletivas.

Começamos, porém, a notar uma mudança no perfil destes pedidos a partir de 1962, assim o ofício de 26 de outubro de 1962 sem destinatário, fazendo supor que foi enviado a várias pessoas, ao invés de solicitar ajuda indireta, como doação de prendas para leilão, um dia de exibição de cinema etc., solicita doação em dinheiro:

Com o presente, estamos nos dirigindo as V.sas., como também a outras conceituadas firmas que, há muito, transigem com o comércio e indústria de

¹¹ Ofício enviado pela Sociedade Musical Beneficente Euterpe Friburguense ao Senador Saturnino Braga em 16/06/1975 (BOTELHO, 2006).

nossa cidade, com o objetivo de solicitar-lhes um auxílio, que poderá ser concedido em forma de dinheiro, para conseguirmos fazer face às despesas oriundas com as comemorações do I Centenário¹².

Observamos que, a partir da década de 1960, houve uma mudança no sentimento da banda em relação ao seu relacionamento com a sociedade e vice-versa. A banda não é vista mais como algo que exista para satisfazer as necessidades da sociedade e que mantém deveres com esta diretamente. Deste modo, entendemos que a banda passa a ser compreendida como uma instituição social e que a sociedade é que tem deveres com ela. Ela passa ser considerada como algo de que a sociedade tem que se orgulhar pela sua grandeza e importância, não pelo papel da banda na funcionalidade atual da sociedade, mas como um símbolo do passado.

Esta transformação acarreta também mudanças no comportamento da banda. A diminuição de cartas sociais (felicitações, pêsames, congratulações etc.) parece ser grande sintoma disso. Embora as cartas sociais não tenham acabado por completo, seu caráter passou a ser muito mais institucional do que pessoal. Estas correspondências passaram a ser enviadas a pessoas ligadas diretamente à direção de instituições que mantêm ligações com a banda, principalmente órgãos governamentais. Antes estas correspondências mantinham caráter mais pessoal, sendo enviadas a pessoas com ligações com a banda, principalmente famílias que eram consideradas “euterpistas”. Esta mudança parece revelar que a banda passou a ser cada vez mais dependente de verbas governamentais, ou seja, ela continua dependente da sociedade, todavia de modo indireto, por meio de suas instituições governamentais.

Ao longo do tempo, podemos localizar informes sobre as apresentações da banda, seja anunciando apresentações que serão realizadas ou descrevendo apresentações já feitas, por vezes mencionando o programa a ser executado ou já executado. Citamos, a seguir, um exemplo de informe publicado em “Cidade de Nova Friburgo” de 24/08/1919:

A Euterpe, sob a regência do hábil maestro Humberto Pissali, realiza hoje, à tarde, magnífica retreta no coreto defronte à Igreja Matriz. O programa a ser executado é o seguinte: “Só na esquina”, dobrado; “Sargento Arlindo”, dobrado; “Orgulhosa” e “Desengano”, valsas; “Botequim Brazil”, dobrado; “XV Anos” valsa; “Casa Testa”, dobrado (1919, p. 1).

¹² Ofício enviado pela Sociedade Musical Beneficente Euterpe Friburguense sem destinatário em 26/10/1962 (BOTELHO, 2006).

Localizamos 175 pedidos para apresentações, sendo este o assunto mais tratado nas correspondências. Estes pedidos vão desde apresentações em colação de grau, passando por inauguração de posto de gasolina, apresentação em cinemas e procissões. Os pedidos de apresentações na primeira metade do século XX, mesmo quando enviados por pessoas físicas, eram, geralmente, voltados para pedidos em eventos ligados a alguma entidade religiosa. Em sua maioria, estas pessoas pertenciam à comissão das festas, como nos reporta a carta de 6 de junho de 1901 de Sara Braune para a banda na qual lemos: “A devoção do S.S.Coração de Jesus convida a Sociedade Euterpe Friburguense para acompanhar a imagem no mesmo S.S.Coração, que em procissão percorrerá as ruas d’esta cidade, sahindo (sic.) da matriz às 4 ½ da tarde do corrente”¹³.

Esses pedidos para eventos religiosos vão diminuindo gradativamente a partir da década de 1970. Nota-se que, a partir da década de 1970, os pedidos para apresentações em eventos religiosos tornam-se quase nulos. Em contraposição, os pedidos da prefeitura aparecem em grande número, sendo que após 1986 decrescem. Começam então a surgir convites de outras entidades sociais, como Sesc-NF, Nova Friburgo Country Club e Lions Club. O maior número de correspondências destinadas à banda é oriundo da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo, chegando a 63, entre os anos de 1938 e 2001. Os assuntos são muito variados, todavia subvenções e pedidos de apresentações são maioria absoluta.

Em “O Friburguense”, de 2/3/1902a, edição seguinte ao aniversário da banda, localizamos um artigo parabenizando a banda, em que lemos:

[...] esta é a tua missão Euterpe. Canta também tua liberdade, derrama sobre nós os teus effusivos (sic.) maviosos, ameniza com as tuas belíssimas peças os dissabores da vida, vinculados pelos teus instrumentos o amor pelo bello (sic). Procedendo assim veras coroados os teus esforços e em todos os teus aniversários, merecerá os aplausos **desta população** (1902a, p. 1, grifo nosso).

Parece transparecer, em todas as fontes, um sentimento de identidade (HALL, 2005) dos músicos com a banda, paralelamente ao sentimento da sociedade sentir que a banda pertence à cidade.

¹³ Ofício enviado pela Irmandade Santíssimo sacramento para a Sociedade Musical Beneficente Euterpe Friburguense em 06/06/1901 (BOTELHO, 2006).

Rivalidade: um componente da identidade

Não encontramos fato que mais ressalte o sentimento da sociedade em relação à banda do que a rivalidade existente entre a Euterpe e a Campesina. Acredita-se que a rivalidade esteja associada à fundação das bandas. Tanto os entrevistados quanto os periódicos apontam o fato de a Campesina ter sido fundada para tocar nos comícios republicanos realizados em Nova Friburgo e região como a origem da rivalidade, já que o Barão de Nova Friburgo era o presidente da Euterpe, além, é claro, de outros monarquistas na diretoria. Assim esses dois grupos políticos antagônicos locais, Republicanos e Monarquistas, encontravam-se um em cada banda. Granja (1984) observa em sua pesquisa:

A Campesina gerada num momento de dissidência [política] interna da Euterpe, estruturou-se e cresceu numa situação de constante oposição à sua co-irmã e este sentimento permanece. [...] A rivalidade que se estabeleceu inicialmente entre as duas bandas foi resultado de desavença políticas entre duas facções: a monarquista e a republicana [...] a situação se manteve em torno de diferentes ideais políticos (1984, p. 71).

Entretanto, nota-se que as bandas também participavam de eventos juntas e dividiam espaços amistosamente como nos mostra “A Sentinela” de 7/2/1905a: “As sociedades musicas(esic) Euterpe e Campesina Friburguense para solenizar a visita dos magos ao menino Jesus, organizaram na noite do corrente dous (sic) bandos compostos de gentis senhoritas e meigas crianças” (1905a, p. 1).

Os artigos que nos revelam a rivalidade entre as bandas demonstram ainda que a disputa não se dava somente entre seus integrantes, mas a população também tomava partido. Em “A Sentinela” de 15/6/1905b lemos:

Viva Campesina!!! Tal foi a exclamação que na noite de Santo Antônio, soltou em plena praça do Suspiro, no correr das festas o pacato cidadão Manuel da Silva [...]. Suas cordas vocaes (sic) ainda não tinham acabado de vibrar e já o pulso forte da autoridade era descarregado sobre a espádua do exclamante, sendo acompanhado da clássica sentença: Está preso.

- Preso? Por quê? Perguntou o detido

- Por quê? Não sabe que cometeu o maior de todos os crimes? Fique sabendo que sou euterpista da gemma (sic) e que na minha presença quem quizer (sic) dar vivas a Campeзина há de dizer viva a Euterpe.

E lá se foi o homem, não lhe tendo valido nem a condição de empregado do Coronel ChonChon, correligionário e amigo do delegado (1905b, p. 2).

A festa de Santo Antônio, citada na notícia acima, tinha e ainda tem grande ligação com a Euterpe. Ainda hoje, pelo seu estatuto, a banda possui a obrigatoriedade de tocar todo ano na referida festividade. Na época do ocorrido, a Festa era gerida e organizada por Samuel Antônio dos Santos, considerado o fundador da Sociedade Musical Beneficente Euterpe Friburguense e seu primeiro maestro.

Em 10/9/83, em “A Voz da Serra”, localizamos um artigo intitulado “Prefeitura Desrespeita a Euterpe Friburguense”, no qual os diretores da Euterpe se dizem revoltados com a prefeitura por problemas no serviço de som do desfile de 7 de setembro. Também afirmam que a Prefeitura Municipal de Nova Friburgo “se recusa ou faz vista grossa, ante a situação da banda” (1983a, p. 4). O artigo relata que estes problemas acontecem pela rivalidade existente entre as duas bandas, pois “alegam os músicos que (...) é lamentável que algumas pessoas da Campesina muito ligadas ao prefeito façam este tipo de discriminação” (1983a, p. 4). A notícia parece aludir ao fato de que há perseguição política, talvez associada à rivalidade entre as bandas. Encontramos, poucos anos depois, outro fato associando política a rivalidades das bandas, em “Panorama”, de 12/12/1998:

A banda Euterpe Friburguense vem sofrendo, há cerca de oito meses, perseguição por parte das autoridades municipais. [...] O vereador Jorge de Carvalho teria informado que a medida era represália à presença do ex-vereador Francisco de Assis da Silva na diretoria (1998, p. 6).

Três dos cinco entrevistados (BOTELHO, 2011) denominam de “política” a rivalidade. Podemos exemplificar com a fala de um entrevistado, quando ele fala a respeito de comentários de um membro antigo da banda sobre a ida de outro músico antigo para a Campesina: “por exemplo, foi lá para a campesina [o Isaias] e teve uma ocasião que chegou ali e o Alemão – eu sou Esperança¹⁴ e Euterpe, a **minha política é Esperança e Euterpe**” (2011, grifo nosso). Assim os entrevistados usam o termo “política” para designar o “lado” pelo qual a pessoa torce, ou Euterpe ou Campesina. Este envolvimento político na rivalidade entre as duas bandas também está presente nas referidas entrevistas. Um entrevistado observa que o antagonismo político só desapareceu nos últimos anos, com a presença de vários partidos, tendo assim representantes nas bandas de vários deles, e não mais a polarização em torno de duas correntes partidárias.

¹⁴ Equipe de futebol que existia em Nova Friburgo à época (BORGES, 2015).

Borges (2015) demonstra que “[...] a dicotomia existente no município (Nova Friburgo), entre grupos políticos que faziam orbitar em seu entorno jornais, pessoas e instituições, alcançava igualmente as sociedades musicais” (2015, p. 57). Grande parte da população apresentava determinada convicção política, torcia para determinado time local de futebol e seguia igualmente uma banda. Portanto, existia uma polarização e coincidência para se ler o mesmo jornal, ter as mesmas convicções políticas partidárias, mesmo time e mesma banda (BORGES, 2015), unindo os sentimentos de identidades. E justificando o motivo do termo “política” pelos entrevistados.

Em 11 das 14 entrevistas aqui analisadas e em várias matérias de jornais é utilizado o termo “coirmãs” para designar a relação das duas bandas. Pela utilização desse termo, parece transparecer que as bandas compreendam que suas histórias estão cruzadas apesar da rivalidade, demonstrando que entendem a rivalidade como algo presente em sua tradição e que a existência de uma depende da existência da outra.

Localizamos uma série de artigos, entre 10/8/1993 e 2/9/1993, informando a respeito de um provável concerto em conjunto da Euterpe e da Campesina, em “A Voz da Serra”. O mesmo jornal, em 10/8/1983, relata uma reunião com representantes das duas bandas e do poder municipal, em que “[...] discutiram a possibilidade de as duas bandas centenárias tocarem juntas em concerto ao ar livre. [...] Apesar da **rivalidade entre Euterpe e Campesina**, os representantes presentes à reunião apoiaram de imediato o projeto” (1983a, p.10, grifo nosso). O “Jornal da Serra” de 25/8/1983 confirma complementando: “O evento, inédito no século, seria o ponto alto do projeto sociocultural Concerto pela vida” (1983, p. 7).

No artigo de “A Voz da Serra” de 2/9/1993 várias pessoas ligadas às duas bandas dão suas opiniões a respeito da realização ou não do concerto. Todos afirmam que a rivalidade é algo tradicional das bandas. No artigo, José Luiz da Silva, membro da Euterpe, relata: “sou contrário [ao concerto] porque isso abala a rivalidade e choca as tradições” (1993, p. 5). No mesmo artigo Célio Medeiros Lopes, membro da Campesina opina que: “A união dos músicos da Euterpe com os da Campesina não foi grande ideia. Vai tirar o incentivo e a motivação, abalando a tradicional e benéfica rivalidade” (1993, p. 5). Tal concerto nunca ocorreu.

Por fim, os entrevistados apresentados na matéria associam a rivalidade como algo benéfico ou necessário, pertencente à tradição, que não deve ser alterado, talvez como uma defesa de identidade da banda. Alguns entrevistados inclusive associam a existência da banda por tanto tempo a esta rivalidade.

O entrelaçamento do sentimento de identidade com a rivalidade com a banda Campesina era esperado por nós. Não podíamos, entretanto, imaginar que a rivalidade fosse um componente fundamental na construção e no reforço dessa identidade, nem que surgiria tão nitidamente na pesquisa. Não tínhamos também ideia do nível de entrelaçamento apresentado na trajetória das duas bandas, sendo que a Euterpe possivelmente representa para a Campesina o mesmo papel na construção de identidades daquela banda.

Considerações finais

A Euterpe com o passar do tempo construiu e consolidou seu imaginário, entrelaçando com o da sociedade, como um todo, o que fez com que a ela envolvesse sentimentos de identidade e/ou pertencimento, tanto pelos seus músicos, diretores e seguidores como por pessoas sem relações formais. O passado da banda possui grande importância na elaboração desse imaginário, o que é usado como ferramenta para manutenção e estímulo das percepções de identidade produzidas no âmbito desta. O foco central da exaltação de seu passado é o seu “mito de origem”, ligando todos a seu começo e à figura de Samuel Antônio dos Santos. Os significados desse imaginário modificaram-se com o passar do tempo atendendo às novas necessidades da banda, inclusive para obtenção de recursos financeiros para a banda, recriando as ligações com a sociedade.

O entrelaçamento do sentimento de identidade com a rivalidade com a banda Campesina era esperado por nós. Não podíamos, entretanto, imaginar que a rivalidade fosse um componente fundamental na construção e no reforço dessa identidade. Não tínhamos também ideia do nível de entrelaçamento apresentado na trajetória das duas bandas, sendo que a Euterpe possivelmente representa para a Campesina o mesmo papel na construção de identidades. Realmente ficamos surpresos com tal constatação

A criação deste mundo simbólico, entrelaçando ligações familiares, históricas e sociais é de fundamental importância para a manutenção da banda, pois é a partir dele que a banda obtém recursos financeiros e recria permanentemente seu espaço dentro da sociedade. Acreditamos que estas percepções se tornam de vital importância para a existência da banda, talvez por muitos anos mais, pois situa-se no núcleo do conceito construído de identidade.

Lembramos mais uma vez a importância que as bandas tiveram para o cotidiano de nossas sociedades; embora os estudos sobre estas sejam ainda em quantidade quase irrelevante, observamos um aumento do número destes trabalhos nos últimos anos. Apesar do declínio, elas ainda despertam admiração.

As bandas são intimamente ligadas às suas comunidades, suas trajetórias históricas confundem-se frequentemente com a de seus membros e com as estórias de suas comunidades. Assim, sem pretender generalizar as conclusões desta pesquisa e apesar de diferentes contextos em que as bandas se situam ou situaram, a proximidade com o cotidiano parece acontecer usualmente. O presente trabalho, ao mergulhar na história de uma delas, consegue revelar parte da trama conflituosa que permeia sua trajetória, o que corresponde, também, em parte, a um mergulho na história da sociedade friburguense e de outras bandas.

Referências

A PAZ, Nova Friburgo, p. 1-4, 9 jun. 1907a.

A PAZ, Nova Friburgo, p. 1-4, 16 jun. 1907b.

ARAUJO, Samuel. Identidades Brasileiras e Representações Musicais e Ideológicas da Nacionalidade. **Revista Brasileira**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 40-48, 2000.

A SENTINELA, Nova Friburgo, ano VII, p. 1-4, 29 jul. 1900.

A SENTINELA, Nova Friburgo, ano XII, p. 1-4, 7 feb. 1905a.

A SENTINELA, Nova Friburgo, ano XII, p. 1-4, 15 jun. 1905b.

A VOZ DA SERRA. Nova Friburgo, Ano XX, n. 2219, p. 1-8, 10 set. 1983.

A VOZ DA SERRA. Nova Friburgo, Ano XXX, n. 2693, p. 1-9, 25 out. 1993.

BORGES, Daniel. **Joaquim Naegele**: música e militância política de um mestre de banda. Instituto Villa-Lobos. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2015.

BOTELHO, Marcos. **Euterpe X Campesina**: uma rivalidade Centenária. 2011. DVD (47 min.): color. Port.

BOTELHO, Marcos. **Sociedade Musical Beneficente Euterpe Friburguense**: um estudo sócio-histórico. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

BOTELHO, Marcos. Música de Euterpe: um estudo do repertório de uma banda sesquicentenária. In: XXIV Congresso da Anppom. **Anais...** São Paulo, 2014.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto Editora, 2001.

CASTORIADIS, Cornélius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CORREIO POPULAR, Nova Friburgo, ano I, n 11, 18 dez. 1902.

CIDADE DE NOVA FRIBRUGO, Nova Friburgo, 24 ago. 1919.

GRANJA, Maria de Fátima. **A Banda**: Som e Magia. Escola de Comunicação. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal Rio de Janeiro, 1984.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural da Pós-Modernidade**, Rio de Janeiro: DP&A Editora.

HUNT, Lynn. **A nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MESQUITA, C. Projeto memórias das bandas civis centenárias: o método e a prática da fundação Museu da Imagem e do Som. In: **Caderno Mis: Memória das Bandas Civis Centenárias do Estado do Rio de Janeiro**. MIS, 1994 p. 35-54.

MORTIGNONI, Flavio. Declaração. In. **O FRIBURGEUNSE**, Nova Friburgo, ano II, n. 69, p. 3, 3 jan. 1892.

NÓBREGA, Adriana. **A Música no Movimento Armorial, Escola de Música**. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

O FRIBURGEUNSE, Nova Friburgo, ano IV, n. 220, p. 1-4, 25 fev. 1894.

O FRIBURGEUNSE, Nova Friburgo, ano VI, n. 458, p. 1-4, 2 jul. 1892.

O FRIBURGEUNSE, Nova Friburgo, ano XII, n. 1035, p. 1-4, 2 mar. 1902a.

O FRIBURGEUNSE, Nova Friburgo, ano XII, n. 1047, p. 1-4, 14 out. 1902b.

O NOVA FRIBURGO, Nova Friburgo, ano III, p. 1-4, 23 out. 1933.

PANORAMA, Nova Friburgo, ano IX, n 2312, p. 1-8, 12 dez. 1998.

PEQUENO, N.; TACUCHIAN, R.; GERK, A. Bandas do Estado do Rio de Janeiro: uma tradição centenária. In. **Caderno Mis: Memória das Bandas Civis Centenárias do Estado do Rio de Janeiro**. MIS, p. 13-34, 1994

SILVA, Lélvio Eduardo Alves da. Bandas de Música: definição e história no Brasil. In: SILVA, L. (Org.).

Manual do Mestre de Banda de Música. Rio de Janeiro: Faperj, 2018. p. 10-26.

SOCIEDADE MUSICAL BENEFICENTE EUTERPE FRIBURGUENSE. Revista de aniversário de 130 anos. Nova Friburgo, 1993.

SOCIEDADE MUSICAL BENEFICENTE EUTERPE FRIBURGUENSE. Revista de aniversário de 140 anos. Nova Friburgo, 2003.

SOUZA, D.; SILVA, L.; PINTO, M. Gêneros musicais e as bandas de música. In: SILVA, L. (Org.). **Manual do Mestre de Banda de Música**. Rio de Janeiro: Faperj, 2018. p. 69-96.

TINHORÃO, José. **Música Popular: Os sons que vêm da Rua**. Rio de Janeiro: edições Tinhorão, 1976.

TINHORÃO, José. **História Social da Música**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1998.